

*“Para os meus antepassados a realidade não tinha a menor
obrigação de ser interessante”*

Milton Hatoum

Quem não é migrante? Sobre memórias, trajetórias e experiências de formação de si

Constituímos-nos a partir de nossas histórias, memórias, trajetórias de vida que se enredam a partir das histórias e experiências de vida de nossos ancestrais. A luta pela sobrevivência cotidiana muitas vezes parece nos impedir de sentir a beleza que envolve nossa humanidade. Somos formados por afetos: alegrias, angústias, medos, esperança, fé e tantos outros sentimentos. É tуди isso que nos faz chegar no ponto em que momentaneamente estamos.

A epígrafe com que inicio este texto é de um conto de Milton Hatoum, escritor brasileiro que, entre suas predileções, está a composição de narrativas de migração. Meu primeiro contato com esse escritor se deu pelo grupo de pesquisa¹ do qual faço parte. Entretanto, seus escritos transformaram-se em leitura deleite para mim. Especificamente neste conto, Hatoum apresenta o episódio do americano descendente de chineses radicados na Califórnia e que lá fundaram uma *Chinatown*, como forma de preservação da identidade oriental de milhares de famílias chinesas. Assim relaciono esta história com a trajetória de minha família e de milhares de famílias nordestinas que migraram para a região sudeste em busca de melhores condições de vida.

¹ Currículos, Redes Educativas e Imagens

Meu pai era maranhense. Veio para o Rio de Janeiro pois, segundo ele, minha avó (cozinheira) não conseguia “dar conta” de sua educação e desejava melhores condições de vida, o que se subentendia, inclusão no mercado de trabalho. Minha mãe é piauiense. Nasceu no estado vizinho ao Maranhão. Veio com sua mãe, minha avó, em busca de tratamento médico para seus problemas de saúde. Ela necessitava de uma intervenção cirúrgica. Apesar de morarem na capital do Piauí, não havia, conforme o relato de minha mãe, estrutura para a realização de cirurgia de grande porte na rede pública de saúde de Teresina. Nestes encontros da vida meus pais se conheceram. Após algumas investidas, eles decidem namorar e a história se desdobra com o nascimento de duas filhas.

Retomando o conto de Hatoum, ele me fez pensar sobre minha história de vida. Conforme disse, a *Chinatown* é um lugar de tentativa de preservação das práticas culturais do oriente, em especial a China. E justamente isso que me faz lembrar de “*espaçostempos*” que transitei durante minha infância. Minha primeira lembrança é do que hoje conhecemos como Centro de Tradições Nordestinas, mas anteriormente era conhecido como “Feira dos Paraíba”, nossa *Chinatown*.

Naquele momento da vida, este nome não soava para mim de maneira pejorativa. Talvez pela minha tenra idade, talvez porque minhas redes de “*conhecimentossignificações*” ainda fossem miúdas. Contudo, hoje consigo compreender o quanto a mudança do nome constrói outras possibilidades valorização das práticas culturais dos “*praticantespensantesmigrantes*” que se estabeleciam no Rio de Janeiro.

E é neste panorama que podemos pensar a potência dos cotidianos que por muitos é visto como menor, desimportante, desinteressante. Mas é justamente por meio deles que nos constituímos, resistimos aos desafios que a vida nos impõe. Nossas pesquisas tentam apresentar a riqueza que nos constitui e transforma e é vivida diariamente através de táticas que subvertem as tentativas de dominação, de sujeição do outro. Conforme nos diz Certeau (2014):

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica. ” (p.40)

É através deste mesmo cotidiano que podemos “ver o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades”, pois o tempo não para.

Sobre o autor:

Doutoranda em Educação. Proped/UERJ.

Email: mcecilias.castro@gmail.com

Referências Bibliográficas:

Certeau, Michel de. A invenção do Cotidiano: artes de fazer. Tradução de Ephraim Alves. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.



Chinatown, São Francisco, Califórnia

